

11. “A PABLO VITTAR NÃO É DE DEUS”: DESCONSTRUINDO QUESTÕES DE IDENTIDADE DE GÊNERO NA DANÇA POP

Luiz Alberto dos Santos

O presente relato de experiência apresenta o trabalho realizado no primeiro semestre de 2018 na Emef Raimundo Correia, localizada no distrito do Jardim Helena, em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, com três turmas de 2º ano do Ensino Fundamental I. Porém, para uma melhor compreensão do estudo, serão relatados os caminhos percorridos com as crianças do 2º ano B.

No início do ano letivo, levantamos as práticas corporais que não havíamos dado conta no ano anterior, construindo listas de danças, esportes e ginásticas que poderíamos estudar. Durante as conversas que atravessaram essa ação, senti que a turma estava muito empolgada em estudar a dança. O pop foi sugerido pelas crianças, assim como outras danças. Ao citá-las, algumas crianças também diziam artistas que conheciam e que ouviam em casa com seus familiares, e eram convidadas a demonstrar como dançavam. Ao chegarem no pop, algumas crianças citaram a Pablla Vittar, prontamente o Daniel disse que a odiava, pois se tratava de um homem vestido de mulher, e repetiu por diversas vezes que ela “não era de Deus”. Algumas crianças foram contra sua fala, dizendo que todas as pessoas eram de Deus, outras concordaram com o Daniel, e complementaram com falas como: “*ele é uma bicha louca*”, “*um viadão*”.

Diante dessas falas, o pop foi escolhido como tema de estudo, sendo elencados os seguintes objetivos do currículo da cidade, e do caderno de orientações curriculares de Educação Física:⁶⁹ expe-

69. Neste ano, a Secretaria Municipal de Educação publicou o documento *Currículo da Cidade: Educação Física*, alinhado à Base Nacional Comum Curricular. Ao escolher os objetivos, senti a necessidade de usar o caderno *Orientações Curriculares: Educação Física*, pois não encontrei nenhum que contribuísse com a discussão sobre o preconceito de gênero e orientação sexual.

rimentar/vivenciar e fruir corporalmente as danças socializadas no grupo de estudantes e reconhecidas em seu contexto cultural familiar; identificar elementos constitutivos da dança pop; identificar e discutir, buscando modificar as ações preconceituosas referentes às questões de gênero presentes na dança pop.

Com isso posto, organizamos a vivência da dança. O Vanderlan sugeriu que fosse na sala e que cada criança dançasse como soubesse. Como elas já tinham falado artistas que conheciam, trouxe músicas desses artistas. Na vivência, como era esperado por mim, houve muita vergonha por parte das crianças, alguns meninos que se arriscavam a dançar eram taxados de “bichinhas” por outros que não dançavam, e quando eram músicas da Pabllo Vittar, o Daniel e o Gustavo tapavam seus ouvidos para não escutarem as músicas.

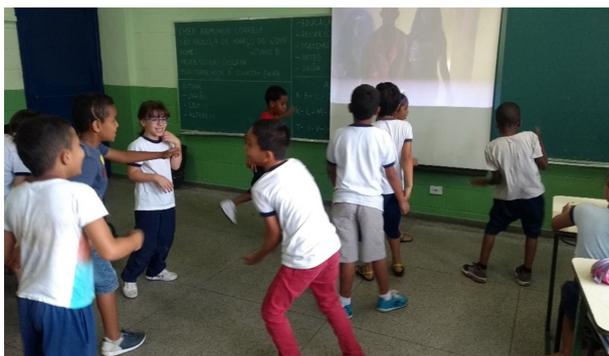


Fonte: Acervo do autor.

Na aula seguinte, levantei os pontos citados para a turma, a questão da vergonha foi tratada pelas crianças como algo normal, porque dançar na escola era diferente de dançar em casa, ou em uma festa. Já sobre os xingamentos por parte dos meninos, surgiu a questão de que homem que rebola muito é boiola, e que dançar é coisa de menina. O Kaique logo respondeu que não devemos chamar ninguém de boiola ou de bicha, e sim de homossexual. Ao perguntar para o Daniel e o Gustavo a ação de tapar os ouvidos quando ouviram música da Pabllo Vittar, eles disseram não gostar

dela. O Vanderlan citou que isso era preconceito por ela ser transexual, e que todos podem dançar, pois isso não diz se uma pessoa é homossexual ou não. Perguntei para ele o que seria uma pessoa transexual, ele respondeu o seguinte: “é uma pessoa que nasce homem ou mulher, mas que por dentro, sente que é o contrário”. Nessa conversa, a Thabata perguntou o que era pop, e a turma sugeriu outros espaços para que pudéssemos realizar a vivência, como a quadra e o anfiteatro da escola. Realizei as anotações dessas falas para que posteriormente, pudéssemos retornar a dialogá-las.

Durante as vivências, as crianças dançavam as músicas com passos e gestos de diversas danças, muitas diziam estar criando sua própria dança. Ao perguntar para as crianças se existia dança da música pop, a Isabelly disse que, em sua casa, tanto ela quanto a mãe dançavam copiando coreografias da internet de um professor chamado Daniel Saboya. Muitas crianças da turma disseram conhecer os vídeos e o professor. Combinei com a turma de levar esses vídeos para contribuir com o nosso estudo. As crianças também deram a sugestão de que eu levasse vídeo clipes dos artistas citados para que tivéssemos contato com a dança que eles faziam.



Fonte: Acervo do autor.

Durante minha pesquisa, tive muita dificuldade em encontrar o que seria a dança pop, nas pesquisas realizadas pela internet encontrava somente sobre o pop enquanto música. Senti a necessi-

dade de entrar em contato e conversar com professores de dança sobre o que poderíamos chamar de dança pop. Ao conversar com o professor Lucas Boaventura, ele disse não existir uma dança pop, o que existia eram artistas especializados em uma modalidade de dança, principalmente composta pelas danças de rua. Citou também que as coreografias apresentadas pela Cia. de dança Daniel Saboya eram uma dança mais livre, que poderia ser de coreografias pop, porém, com maior liberdade de gestos, não focando em alguma modalidade de dança específica.

As vivências seguintes tiveram a assistência de clipes e vídeos da Cia. de dança Daniel Saboya. A turma achou melhor a vivência com as coreografias do segundo, pois, na maioria dos clipes de música, se conta mais a história da música do que a dança em si.

Prosseguindo o estudo, apresentei para a turma minhas pesquisas sobre a música e a dança pop. Mencionei para a turma que pop se tratava da derivação do termo popular, sendo assim, grande parte das músicas eram pop, mas a música pop que estudávamos tinha características diferentes das demais, por serem feitas com batidas eletrônicas, envolverem muito a dança e apresentações de shows grandiosas. Expliquei também que seguimos nesse estilo da música pop pelos artistas que elas falaram no começo do estudo. Ao conversar sobre a dança, passei o áudio do professor Lucas Boaventura narrando seu entendimento a respeito do que seria a dança pop. No áudio, ele relata algumas danças de rua⁷⁰ bastante usadas por artistas pop. Apresentei algumas delas para a turma e perguntei para elas se gostariam de aprofundar nosso estudo em alguma das danças observadas. A turma, para minha surpresa, preferiu seguir o estudo como estava acontecendo, com cada criança dançando do seu jeito, ou copiando coreografias observadas nas vivências com assistência aos vídeos.

70. As danças de rua citadas pelo professor são: swag, break, popping, black, house.

Para dar conta das questões de gênero que surgiram na turma, levei vídeos⁷¹ sobre a homofobia, depoimento de pessoas que assumiram a homossexualidade, e uma reportagem sobre uma pessoa homossexual que foi assaltada, pediu ajuda e acabou sendo agredida por ser gay. Cada leitura realizada pela turma era acompanhada de explicações e muito diálogo acerca das falas colhidas no começo do trabalho, pois pontuei para a turma que sentimentos como o ódio e a raiva causavam reações como as observadas nos vídeos. Muitas crianças perguntavam se eram verdade os depoimentos, muitas sentiam tristeza a cada fala sobre a violência que as pessoas homossexuais sofriam, e outras questionavam o que significavam termos que apareciam nas falas (lésbica, travesti, transfobia) e sempre tentava deixá-las responder, intervindo e dando minha representação somente após ouvir as crianças. A maioria da turma também foi contra toda a violência sofrida pela pessoa homossexual, dizendo que era necessário ter mais respeito com a orientação sexual de cada uma.

Para aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a dança pop, convidei um dançarino profissional e estudioso das danças, que conheci por intermédio de meu companheiro de trabalho, para participar de uma entrevista com as turmas que estudavam a dança. O Jonathan prontamente aceitou o convite, e então as turmas construíram perguntas para o dançarino. Neste momento, pude ter uma pequena noção do quanto a turma do 2º ano B estava significando do trabalho até o momento. Grande parte das perguntas davam conta de entender o que era a dança pop, e sobre o que o Jonathan achava da Pabllo Vittar.

No dia da entrevista, o Jonathan chegou de turbante e com um brinco grande na orelha, isso chamou muito a atenção das crianças de todas as turmas, e quando ele abriu espaço para perguntas diretas, a Isabelly perguntou se ele namorava meninas ou

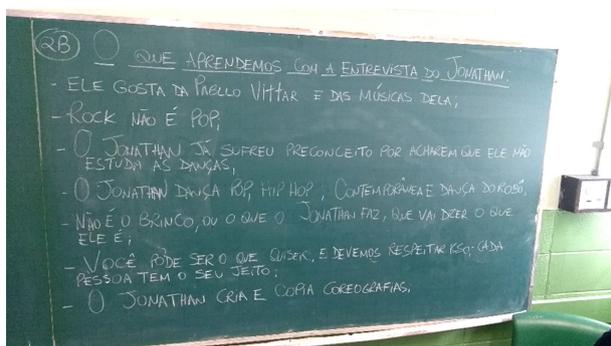
71. *E se fosse com você? (porque criminalizar a homofobia?)*. Disponível em: <<http://bit.ly/2OfFIJs>>. Acesso em: 10 ago. 2018; *Quebrando o tabu: pessoas que assumiram sua homossexualidade*. Disponível em: <<http://bit.ly/2NaTD9S>>. Acesso em: 10 ago. 2018; *Homossexual é assaltado, pede ajuda, mas acaba agredido*. Disponível em: <<http://bit.ly/2OYaLkV>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

meninos. O Jonathan deixou para respondê-la no final, porém, estávamos perto do fim do período e muitas crianças iam embora de van escolar, logo que encerramos a entrevista já levamos as turmas para as suas respectivas salas, mas a Isabelly foi até o Jonathan saber sua resposta. Esse episódio foi narrado no final da entrevista por ele mesmo. A Isabelly chega perto e diz: “*você poderia responder agora a minha pergunta?*”, o Jonathan responde: “*mas é só por causa do meu brinco mesmo que você quer saber?*”, a Isabelle diz que sim e ele responde: “*eu me apaixono por meninos, mas não é por causa do brinco, é porque eu nasci assim*”. Ao final da resposta, a Isabelly lhe pede um abraço e segue para a sala.



Fonte: Acervo do autor.

Esse fato me deixou muito emocionado, mais ainda quando a Isabelly conta isso para a turma, que ficou surpresa de saber que o Jonathan era homossexual, mas não o xingou ou destratou em nenhum momento. Registrei as falas das crianças sobre o que possivelmente tínhamos aprendido com o Jonathan em sua participação em nosso trabalho.



Fonte: Acervo do autor.

Para finalizar o estudo, após muitas conversas sobre como poderíamos realizar essa ação, a turma sugeriu montar grupos, escolher a música, criar suas coreografias e apresentar para a própria turma. Realizamos vários “ensaios”, e as crianças apresentaram suas coreografias no anfiteatro para sua professora regente e as demais crianças. Pude perceber, tanto nas vivências em que ensaiávamos as coreografias, quanto nas apresentações, que não havia mais brincadeiras com os meninos que participavam da dança.

Para avaliar os percursos e ações realizadas durante o trabalho, filmei a turma relatando o que possivelmente haviam aprendido com o estudo da dança pop. Na análise das falas de cada criança, pude tirar como conclusão que o trabalho, de certa forma, deu conta daquilo que tinha como objetivo com algumas crianças, outras deram outros significados para o que observamos no caminho percorrido. Observando os demais registros, também pude perceber o pouco diálogo sobre a questão religiosa e a homossexualidade. Apesar do título do trabalho citar, essa questão ficou mais nas conversas abertas para a turma.